

De língua estrangeira para língua franca: concepções de professores/as de uma rede pública municipal do norte paranaense

From foreign language to lingua franca: teachers' conceptions from a public school in the north of Paraná

Flávia Bissi de Oliveira
Marcella Bordini

Resumo: Este artigo aborda o inglês como Língua Franca (ILF) e sua correlação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sob a ótica de professores da rede pública municipal de uma cidade do norte paranaense. Este estudo, de natureza qualitativa, incluiu a aplicação, em 2021, de um questionário com perguntas abertas e fechadas a 16 professores de língua inglesa para crianças de uma rede municipal. Por meio de análise dos temas salientados pelos respondentes, identificamos as seguintes concepções de ILF dos participantes da pesquisa : a) o não conhecimento de inglês promove exclusão do processo de internacionalização do ensino; b) ILF é visto como um instrumento de comunicação, o qual a língua inglesa não segue um padrão; c) as novas diretrizes da BNCC podem alterar a maneira de ministrar as aulas no que diz respeito às metodologias e ao linguístico; d) as concepções de inglês de acordo com a BNCC podem ajudar a romper a ideia de “falar como um nativo” e focar nas variedades linguísticas; e) há uma lacuna no documento no que se refere ao ensino de língua inglesa para crianças e f) não existe um inglês correto, mas usos diversos da língua inglesa pelo mundo. Dessa forma, notamos por meio da análise a necessidade de mais estudos voltados ao ILF em correlação a BNCC. O ILF é uma perspectiva que busca descentralizar o falante nativo de inglês, expor os alunos aos diferentes tipos de ingleses, focar em suas competências comunicativas e incentivá-los.

Palavras-chave: Inglês como Língua Franca; BNCC; Professores.

Abstract: This article aims to investigate the English language based on the concept of English as a Lingua Franca and its correlation with the BNCC, from the perspective of teachers of municipal public schools in a city in the north of Paraná. As specific objectives, we had: i) the mapping of the profile of the interviewed teachers; ii) analysis of the perspectives of teachers regarding the ILF in the BNCC. This research has its base in a qualitative conception and involves a case study. For data generation, a questionnaire with open and closed questions was applied to the teachers of the municipal network, in the year 2021, in view of the proposed objectives. We base ourselves in Gimenez (2015), Seidlhofer (2004), Menezes e Souza, (2019), Bordini e Gimenez (2014) among others. The results of the research, through the teachers' view, show that: (a) there is exclusion in the internationalization process of teaching when the individual does not speak English; (b) the concept of ILF is seen as a communication tool, in which English does not follow a standard; (c) the new guidelines of the Base may change the way of teaching classes regarding methodologies and linguistic perspective; (d) the actions of the BNCC can help to break the idea of "speaking like a native" and focus on linguistic varieties; (e) there is a gap in the document regarding English language teaching for children and (f) there is no correct English, but rather, diverse uses of the English language around the world. Thus, we noticed through the analysis the need for more studies focused on the ILF in correlation



with the BNCC. ILF is a perspective that seeks to decentralize the native English speaker, expose students to different types of English, focus on their communicative competencies and encourage them.

Key words: English as a Lingua Franca; BNCC; Teachers.

Introdução

233

A educação brasileira é pautada por diretrizes oficiais para a educação básica com o intuito de promover igualdade de oportunidades de aprendizagem escolar. Entre os principais documentos encontram-se: a Lei nº 9.394, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e o Plano Nacional de Educação (Ministério da Educação, 2018). Além disso, há a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Este documento é definido como um

[...] conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, p. 7).

Permeado por inúmeros questionamentos e modificações, o texto final endossa a visão de que a língua inglesa seria uma língua franca de alcance global e não mais uma língua estrangeira (Graddol, 2006), repercutindo uma nomeação que vem ganhando terreno no campo da Linguística Aplicada (GIMENEZ, 2015). Entretanto, mais do que uma simples mudança de nomenclatura, o conceito de ILF vem sendo interpretado de diferentes maneiras, e permanece opaco para muitos profissionais nas escolas.

Antes tratado como língua estrangeira pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1998, o ensino-aprendizagem da língua inglesa na educação básica passou por mudanças significativas a partir das discussões propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, trazendo



consigo o conceito de Inglês como Língua Franca (ILF). Destarte, o que parece ter sido apenas uma simples alteração de nomenclatura apresentou consideráveis mudanças no modo como se efetiva o desenvolvimento desta língua, demandando dos professores da área um conhecimento mais acurado não apenas do conceito, mas de seu olhar pedagógico para o componente curricular e o repensar de suas formas de ensinar

Por esse motivo, buscamos identificar de que modo professores de língua inglesa para crianças da rede pública municipal de uma cidade do norte paranaense compreendem essa perspectiva de língua e de sua aprendizagem em contextos escolares. Este artigo¹ está dividido em quatro seções: a) fundamentação teórica, na qual discutiremos concepções de ILF e a correlação do ILF com o ensino-aprendizagem de inglês conforme proposto na BNCC; b) metodologia da pesquisa; c) análise e discussão dos dados e d) considerações finais.

Concepções de ILF

ILF na literatura

O ILF é considerado uma "Língua de contato" entre pessoas que não partilham nem uma língua nativa comum nem uma cultura (nacional) comum, e para quem o inglês é a língua de comunicação estrangeira escolhida (SEIDLHOFER, 2004, p. 339). É importante salientar que consoante ao ILF, o inglês é escolhido como o meio de comunicação entre pessoas de diferentes origens linguísticas, para além das fronteiras linguísticas e culturais (SEIDLHOFER, 2004, p. 339). Assim, aprender inglês de acordo com o conceito de ILF, implica:

problematizar os diferentes papéis da própria língua inglesa no mundo, seus valores, seu alcance e seus efeitos nas relações entre diferentes pessoas e povos, tanto na sociedade contemporânea quanto em uma perspectiva histórica. Nesse

¹ Esta pesquisa é resultado de um trabalho de conclusão da disciplina intitulada "Comunicação transnacional e ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras" do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, ministrada pela professora Dra. Telma Nunes Gimenez.



sentido, o tratamento do inglês como língua franca impõe desafios e novas prioridades para o ensino, entre os quais o adensamento das reflexões sobre as relações entre língua, identidade e cultura, e o desenvolvimento da competência intercultural. (BRASIL, 2018, p. 245) (grifo nosso)

Seidlhofer (2001) em suas primeiras produções admitiu ser o inglês uma língua sem falantes nativos, fator que gerou grande contestação por parte de estudiosos da área. Posteriormente, em 2011, a mesma autora afirma que o ILF é “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas, para os quais o inglês é o meio comunicativo de escolha, e frequentemente a única opção”² (SEIDLHOFER, 2011, p. 7).

Para Gimenez (2015):

O rótulo “língua franca” sinaliza o desejo de não incluir situações nas quais o inglês é tratado nos limites de territórios nacionais (seja como primeira língua, língua oficial, segunda língua ou língua adicional). Inglês como Língua Franca (ILF) é um termo que encontra diferentes interpretações, resultando em uma profícua literatura que dele se aproxima sob diversas perspectivas e interesses. ILF, portanto, é um campo de pesquisa sobre usos contemporâneos do inglês situado sócio-historicamente em um momento de grande instabilidade provocada pelos processos de globalização. (GIMENEZ, 2015, p. 75) (grifo nosso)

Em seu trabalho, Gimenez (2015) disserta sobre as produções em torno do ILF: a) algumas discutem sobre o ILF enquanto uma variedade do inglês que deve ser codificada enquanto outras b) reiteram seu poder híbrido e fluido nas mais variadas situações comunicacionais. Esta última é defendida pela autora, que busca em seu arsenal teórico apontar as vantagens de adotar tal vertente.

Gimenez (2015) afirma que embora a produção literária em torno do ILF seja extensa (data desde o início do ano 2000), os trabalhos que versam sobre as implicações pedagógicas que este conceito pode nos trazer são recentes. A dicotomia “inglês como língua estrangeira” (com foco na norma, pronúncia idêntica ao falante nativo, estrutura padronizada da língua) e “inglês como língua franca” (foco na variedade linguística, na legitimidade dos usos do inglês

² ELF as any use of English among speakers of different first languages for whom English is the communicative medium of choice, and often the only option (SEIDLHOFER, 2011, p. 7).

ao redor do mundo e na fluidez linguística do idioma em destaque) ainda é fator provocador de questionamentos por parte dos professores que têm dificuldade de se “desapegar” dos antigos moldes de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

Jenkins (2015) faz um recorte histórico sobre as produções do ILF: em meados de 1990 os primeiros trabalhos começaram a surgir a respeito da temática, e era considerada revolucionária a ideia de romper os elos com o conceito de inglês como língua estrangeira e abraçar os usos do inglês para comunicação intercultural, enfatizando os falantes não-nativos da língua. Investigações empíricas como o projeto VOICE de Seidlhofer, por exemplo, representou uma forma de decodificar os “inglês” utilizados nas comunicações interculturais. Mas isso não bastava. Para Jenkins (2015), é preciso reconceitualizar o ILF, à medida em que expande a diversidade de pessoas que se comunicam interculturalmente no mundo, sendo necessário compreendê-lo como uma prática social.

Para Jenkins (2015) são cinco as razões pelas quais o ILF deve ser reconceitualizado: a) vivemos num mundo multilíngue; b) foco em usuários multicompetentes da língua, mais do que no falante nativo e reconhecimento do multilinguismo como um recurso - ideia de translíngua (práticas discursivas que fazem o mundo fazer sentido); c) conceito de comunidade de fala posto em xeque, uma vez que atualmente as comunicações interculturais acontecem, em sua grande maioria, a distância; d) o número de pessoas aprendendo inglês cresceu no mundo - portanto, deve-se considerar a questão do multilinguismo que está em voga e e) por questões pessoais, já que muito se falava sobre os corpus de pesquisas, conduzidas por Seidlhofer, por exemplo - para Jenkins (2015) tudo estava repetitivo, precisava de mudança.

Para Duboc e Siqueira (2020), é preciso repensar/reconceitualizar o ILF nos moldes da decolonialidade, ou seja, esquecer os padrões coloniais de estrutura de língua e seguir com a visão de heterogeneidade, fluidez e hibridismo - é fazer com que as vozes do sul (neste caso, a América do Sul) sejam ouvidas. Para os autores, o monolinguismo se torna um mito, uma vez que devemos pensar nos processos de construção de sentido da língua algo



complexo, híbrido e fluido. O próprio título da produção de Duboc e Siqueira (2020) - “Elf feito no Brasil” faz com que o leitor se familiarize com a língua portuguesa falada no país, em correlação com a língua inglesa no acrônimo “Elf” (English as a lingua franca - inglês como língua franca). O ensino de inglês, segundo os autores, precisam de lentes mais significativas do mundo real, para que a transferência de conhecimento deixe de ser abissal.

ILF na BNCC

A BNCC considera o contexto sócio-político do idioma e considera a língua inglesa como uma ferramenta de comunicação e oportunidade de acesso em um mundo globalizado. Além do mais, ao ter contato com a língua inglesa em uma perspectiva que valoriza a interculturalidade, amplia-se a compreensão de um idioma, permitindo assim que, todos os jovens e crianças possam exercer a cidadania e ampliar suas possibilidades de interação nos mais diversos contextos. O documento mostra que os “diversos grupos de pessoas, com interesses, agendas e repertórios linguísticos e culturais diversos, vivenciam, em seus contatos e fluxos interacionais, processos de constituição de identidades abertas e plurais” (BRASIL, 2018, p. 245).

Apesar da visão “romântica” apresentada pela BNCC, e pela não obrigatoriedade do inglês para crianças de 6 a 10 anos (fundamental I), o documento nacional defende a perspectiva do ILF, negando-a enquanto variedade e sim contextos de uso:

Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos. (BRASIL, 2018, 241)

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), ensinar inglês por meio de um viés formativo traz algumas implicações: a) é necessário rever relações entre língua, território e cultura, já que o inglês não pertence somente a países como



os Estados Unidos e a Inglaterra, e sim, ao mundo todo; b) a língua inglesa, pela perspectiva do ILF, torna-se um bem simbólico para o mundo todo e c) a formação de professores de língua inglesa precisaria ser revista, já que a perspectiva do ILF requer uma atitude de acolhimento e legitimação de diferentes formas de expressão na língua.

A BNCC na área de língua inglesa foi dividida em eixos. São eles: a) oralidade, b) leitura; c) escrita e d) dimensão intercultural, pautada na perspectiva do ILF. Neste último, por exemplo, existe a abordagem da reflexão sobre aspectos relativos à interação entre culturas (dos alunos e dos demais falantes da LI), de modo a favorecer a valorização da diversidade entre os povos.

O novo status de língua franca implica em deslocar a língua de um modelo ideal de falante para um modelo mais real, considerando suas diferenças culturais e as variações linguísticas decorrentes das situações de uso e das comunidades que a falam. A proposta da BNCC é a de reconhecer os diversos repertórios linguísticos existentes e ampliar as noções do que vem a ser "certo" e "errado" no uso da língua. Haus (2018, p.125) explica que levar em consideração o ILF significa uma quebra de paradigma e novos olhares para as interações que envolvem a língua inglesa. Nessa perspectiva, de acordo com a BNCC (2018, p. 241) a partir do conceito de ILF, diferentes repertórios linguísticos e culturais são valorizados, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês "correto" – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos.

A BNCC (2018, p. 485) apresenta que a expansão dos repertórios linguísticos, multissemióticos e culturais dos estudantes, possibilita o desenvolvimento de maior consciência e reflexão crítica das funções e usos do inglês na sociedade contemporânea. Assim, na questão seguinte, analisamos como a nova concepção de inglês fundamentada na BNCC pode alterar a maneira de lecionar em sala de aula. De acordo com a BNCC o professor deve colaborar para desenvolver as competências que vão além de ler, interpretar e resolver problemas, pois o eixo da oralidade foi ampliado e agora envolve



práticas de linguagem com foco na compreensão (escuta) e na produção oral (fala).

Jordão (2014, p. 18) explica que o ILF não tem como objetivo criar modelos linguísticos, nem pedagógicos, nem normas de uso ou gramáticas normativas e sim enfatizar a variedade de usos e as práticas comunicativas e estratégias dos falantes efetivos. A Base apresenta que o status da LI como ILF implica no deslocamento de um modelo ideal de falante, levando em conta o valor da cultura no ensino-aprendizagem da língua, além de buscar o rompimento de aspectos relativos à “correção”, “precisão” e “proficiência” linguística. (BRASIL, 2018, p. 242)

Metodologia da pesquisa

Este estudo é de natureza qualitativa, pois, de acordo com Segundo Silveira e Córdova (2009, p.34):

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, **centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais**. (...) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (grifo nosso)

Com o propósito de levantar informações a respeito do ensino de inglês na esfera municipal do contexto em questão, elaboramos um questionário semi-estruturado composto por perguntas fechadas para identificação do perfil dos *professores de língua inglesa para crianças* - e perguntas abertas - a respeito da temática em foco, a fim de que os professores sinalizassem sua participação ou não do estudo. Vale ressaltar que o questionário direcionou as respostas lacônicas, não houve informações prévias sobre o conhecimento do conceito do ILF; níveis de atuação e não utilização de questionários empregados em outras pesquisas a respeito do ILF (escala Likert).

Questionários enviados aos participantes
Perfil dos respondentes da pesquisa
Qual é a sua idade
(20 – 30)



- (31-40)
- (41-50)
- (51-60)
- (acima de 60)

Sexo

- () Feminino
- () Masculino

Há quanto tempo leciona no contexto público de ensino? Pergunta aberta

Você é formado em qual licenciatura?

- (Letras – Português-Inglês)
- (Letras-Inglês)
- (Letras e Pedagogia)
- (Letras e outro curso)

Universidade onde concluiu o curso de graduação?

Titulação docente:

- () Ensino Superior
- () Especialização
- () Mestrado
- () Doutorado

Você fez curso de inglês em uma escola de idiomas?

- () Sim
- () Não

A língua inglesa no mundo e sua correlação com a BNCC

Hoje em dia, quem não sabe inglês fica excluído da participação em nível internacional? Qual a sua opinião sobre isso?

O que você entende pelo conceito de inglês como língua franca?

A BNCC compreende a língua inglesa como uma língua franca. Como isso poderia alterar a maneira de lecionar em sala de aula?

A proposta da BNCC é a de reconhecer os diversos repertórios linguísticos presentes em sala de aula e fora dela. Você considera que essa ação pode ajudar a romper a ideia de “falar como um nativo” e focar nas variedades linguísticas?

Como você, enquanto professor de língua inglesa para crianças, se posiciona quanto ao fato da BNCC não incluir o ensino de inglês nos anos iniciais do ensino fundamental I (1º. Aos 5º. Anos)?

Leia o seguinte excerto extraído da BNCC:

"Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos" (BNCC, p. 241) (grifo nosso). Você concorda com a perspectiva da BNCC sobre a concepção de inglês como língua franca, na qual NÃO existe um inglês correto, e sim, usos diversos da língua inglesa pelo mundo? Explique.



Do total de 16 professores, 10 aceitaram participar da pesquisa, respondendo ao questionário enviado por whatsapp por uma das pesquisadoras, que trabalha com os participantes, no dia 25 de outubro de 2021. Os professores tiveram duas semanas para responder. As perguntas foram elaboradas e anexadas na ferramenta google formulário. No documento do questionário havia uma apresentação da pesquisa, a fim de explicá-la e defender o interesse e as decisões dos que estão envolvidos no estudo. A introdução do questionário em anexo foi:

Este questionário faz parte da pesquisa que será apresentada para a disciplina intitulada "2LEM278 - Comunicação transnacional e ensino e aprendizagem de línguas" ministrada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL (Universidade Estadual de Londrina) e tem como objetivo investigar as percepções de professores da rede pública municipal de ensino sobre o estatuto de ILF (inglês como língua franca), pautado na concepção de linguagem da BNCC. Para tanto:

- a) você pode recusar-se ou deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem a necessidade de apresentar justificativas para isso;
 - b) sua identidade será mantida em sigilo;
 - c) as informações aqui apresentadas serão utilizadas apenas para os fins desta pesquisa;
 - d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.
- Agradecemos sua preciosa colaboração!

A fim de apresentarmos a ótica de cada indivíduo, identificamos os professores pela letra P seguida de números de 1 a 10. Na próxima seção, apresentamos a análise dos dados obtidos por meio da interpretação e compreensão das respostas dos professores.

Análise e discussão dos dados

A partir dos questionários respondidos para a geração dos dados, elaboramos uma tabela. Nela, analisamos, a partir de suas respostas, os pontos comuns e específicos levantados/as por cada participante nos questionários. Assim, investigamos a visão dos sujeitos de pesquisa sobre o



ILF e a sua correlação com a BNCC, tendo em vista os objetivos elencados nesta pesquisa. Além disso, dividimos a análise em subseções: i) perfil dos respondentes da pesquisa; ii) a língua inglesa no mundo e sua correlação com a BNCC.

Perfil dos respondentes da pesquisa

A grande maioria dos respondentes era do sexo feminino, com idades entre 31 e 50 anos, conforme gráficos 1 e 2 a seguir

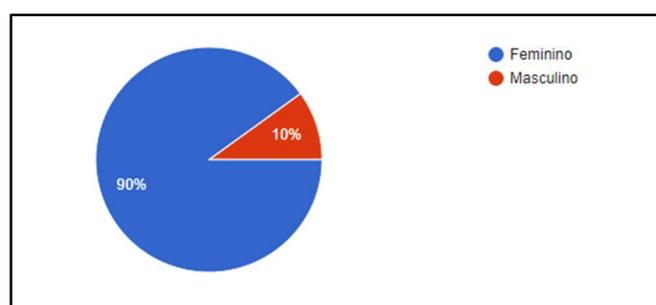


Gráfico 1 - sexo dos participantes da pesquisa

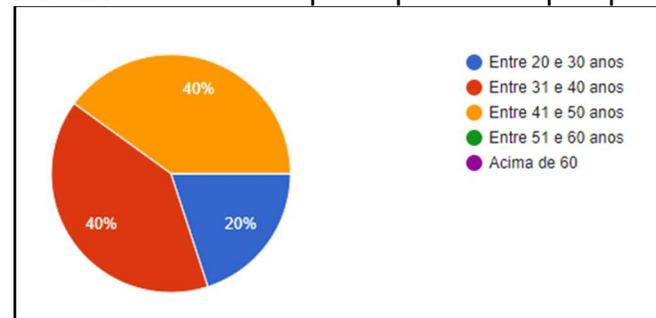


Gráfico 2 - Faixa etária dos participantes da pesquisa

Com relação à formação inicial, a grande maioria graduou-se no estado do Paraná em instituições como: Universidade Estadual de Londrina (6 professores); Universidade Estadual Do Norte Do Paraná (3 professores); Centro Universitário UniSEB Interativo COC (1 professor); e Centro Universitário Filadélfia (1 professor). Dentre os cursos de graduação destacamos: Letras - Português - Inglês (5 professores); Letras - Inglês (1 professor); Letras e Pedagogia (2 professores); e Letras e outro curso (2 professores). No que diz respeito ao campo “Letras e outro curso”, o segundo curso não foi especificado, conforme gráfico 3.

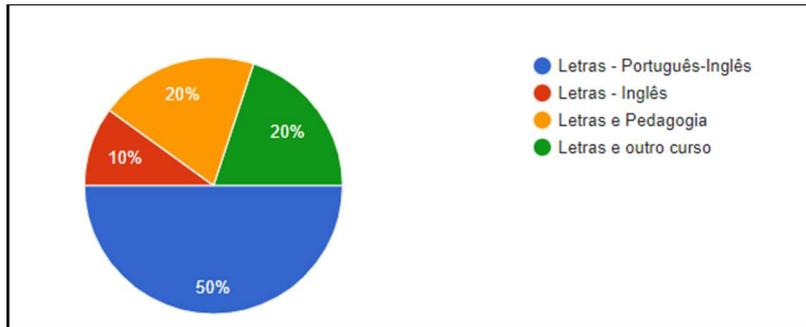


Gráfico 3 – Formação inicial dos respondentes

O próximo tópico analisado é o tempo de serviço dos participantes da pesquisa. Os professores possuem tempo de experiência no contexto público de ensino bastante diversificado. Alguns lecionam há bastante tempo enquanto outros possuem pouco tempo de trabalho. P3, P7, P8 e P9 trabalham de 1 a 5 anos, já P1, P2, P4, P5, P6 lecionam de 6-10 anos. O P10 não especificou os anos, apenas escreveu a palavra "público", o que invalida sua resposta.

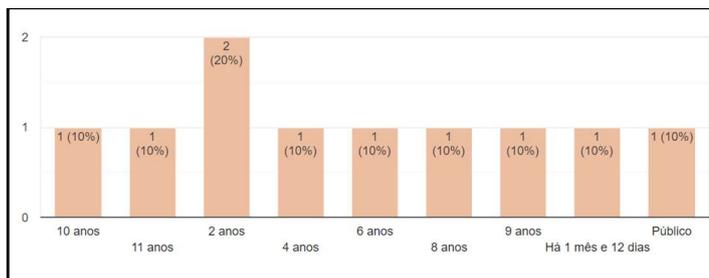


Gráfico 4 - Tempo de serviço dos participantes da pesquisa

Referente à titulação dos docentes, temos: especialização (6 professores); mestrado em andamento (3 professores); ensino superior (1 professor). Nenhum deles apresenta doutorado em andamento ou concluído.

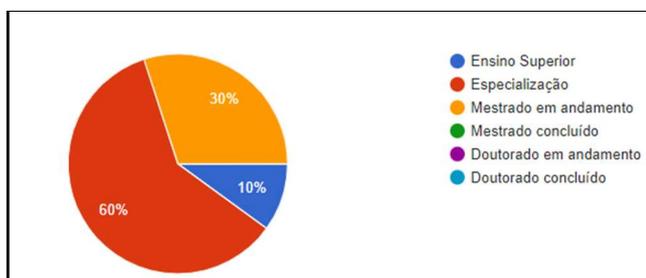


Gráfico 5 - Titulação dos participantes da pesquisa

No que se refere ao aprimoramento do profissional em cursos de inglês, a maioria (8 professores) sinaliza que estudou em escolas de idiomas.

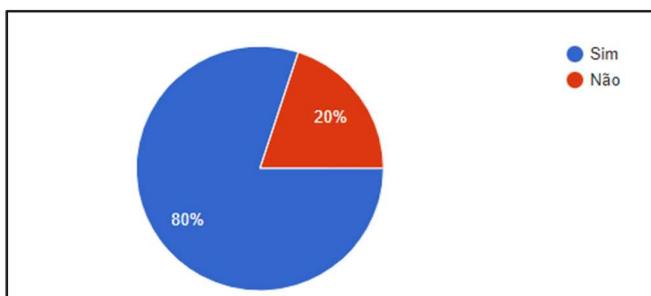


Gráfico 6 - Participação em curso de língua inglesa pelos respondentes da pesquisa

O perfil das respondentes reflete o perfil geral de docentes de língua inglesa no país (Observatório para Ensino da Língua Inglesa, 2021), com professoras na faixa dos 30-50 anos predominando, com curso de especialização concluído e licenciatura em Letras. O pouco tempo de atuação sugere que se formaram mais recentemente e, portanto, com probabilidade de terem sido expostas ao conceito de inglês como língua franca.

Concepções de ILF por respondentes da pesquisa

A primeira pergunta dizia respeito à possibilidade de exclusão pelo desconhecimento do inglês (Você acredita que hoje em dia, quem não sabe inglês fica excluído da participação em nível internacional³? Qual é a sua opinião sobre isso?) Sete dos dez respondentes concordaram com a afirmação, reiterando ideologias que privilegiam o inglês em relação a outras línguas, inclusive o português. Porém, uma resposta salientou que é possível ser incluído por meio de traduções:

Acredito que quem não sabe inglês e tem interesse em temas internacionais, procura por traduções quando a informação é exclusivamente em inglês (P1).

Outra resposta salienta a dificuldade de participação, mas não sua impossibilidade:

Dificulta bastante a participação (P9).

Uma terceira resposta tangenciou o tema, associando ensino bilíngue com ILF:

³ De acordo com o dicionário online Houaiss, a palavra “internacional” define-se como um adjetivo que é comum ou respeita a duas ou mais nações.

Inglês é Língua Franca, portanto em muitos países o Ensino Bilíngue apoia essa iniciativa (P3).

Com relação ao entendimento de ILF (**O que você entende sobre o conceito de ILF (inglês como língua franca)?**), a maioria das respostas indicam a compreensão de que o fato de a língua inglesa ser usada por falantes de diferentes lugares do mundo a caracteriza como língua franca, sem entrar no mérito de qual inglês seria esse. Seriam exemplos deste tipo de compreensão:

245

Inglês falado por não-nativos no mundo todo com o objetivo de viabilizar a comunicação.

A Língua Inglesa alcançou o nível de língua franca universalizando a comunicação mundial (P4).

Inglês utilizado no mundo inteiro (P6).

Eu entendo como uma língua comum com objetivo de mediar a comunicação com todas as partes do mundo (P8).

O Inglês como Língua Franca é quando, falantes de línguas maternas diferentes, usam o inglês como língua em comum para comunicação em determinado contexto (P10).

Apenas uma resposta sinalizou deslocamento da noção de padrão, ainda que revelando expectativa de normatividade, implícita no uso de “mesmo que”:

E o inglês que não precisa ser padrão ou perfeito, basta ser instrumento de comunicação, mesmo que possua variações ou imperfeições.

Outra resposta restringiu ILF a contextos específicos, implicitamente endossando a visão de que outras conceituações de inglês seriam universais.

Inglês como uma segunda língua, falada de forma a considerar a cultura local e com objetivos específicos (P7).

Um respondente evitou responder informando apenas

Ter boa fluência (P2).

Uma última resposta parece estar relacionada à pergunta anterior

Sim. Acredito que é necessário aprender inglês para conseguir ser um cidadão ativo na sociedade (P5).



Essas respostas indicam que os respondentes parecem não ter familiaridade com o conceito tal como discutido por autores como Jenkins (2015), Duboc e Siqueira (2020), em que se enfatiza a natureza fluida do repertório linguístico nas interações entre falantes multilíngues.

Com relação à possibilidade de se modificar práticas em função desse conceito, expressa na pergunta **“A BNCC compreende a língua inglesa como uma língua franca. Como isso poderia alterar a maneira de lecionar em sala de aula?”**, as respostas foram majoritariamente no sentido de aceitar que haveria mudanças, com apenas 2 respondendo negativamente ou não sabendo dizer. Das que expressaram mudanças, as entenderam como a) *viabilizando múltiplas linguagens (P1)*, b) *aulas mais lúdicas e sem preconceitos linguísticos (P3)*, c) *parar de “corrigir” o sotaque dos alunos, trabalhar com diversas culturas de nacionalidades que não se limitem aos EUA ou à Inglaterra, por exemplo (P5)*, d) *desmistificando a ideia de inglês americano e inglês britânico (P6)*, e) *o inglês passa a ser “de todos” e não somente da Inglaterra e dos EUA. O inglês se torna pertencente a todos os países (P10)*.

Resposta mais completa foi apresentada por P8, abordando a possibilidade de usos locais do inglês, com usos significativos:

Eu acredito que mudaria a visão de que só usa inglês quem for pra outro país. E entende a língua em uso e não discursos prontos com diálogos que na vida real não aconteceriam, assim como se prender ao antigo método de aprender a gramática correta logo de cara e focar somente no verbo to be. Isso é importante, mas primeiro o que está sendo ensinado precisa fazer sentido para a pessoa e aprender a língua na prática no dia a dia.

A pergunta “A proposta da BNCC é a de reconhecer os diversos repertórios linguísticos presentes em sala de aula e fora dela. Você considera que essa ação pode ajudar a romper a ideia de “falar como um nativo” e focar nas variedades linguísticas?” foi respondida afirmativamente. Justificativas estiveram centradas em não precisar falar como nativos (3 respondentes) e conhecer muitos discursos, incluindo culturas e sotaques. Outras respostas condicionaram esse rompimento a: a) dependendo da abordagem do professor;



b) se repertórios fossem pensados com base na realidade dos alunos; c) se os alunos aprendessem a estrutura de frases e textos.

O documento em questão propõe o ensino de LI a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, isto é, não inclui o inglês nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Pensando nisso, questionamos **“Como você, enquanto professor de língua inglesa para crianças, se posiciona quanto ao fato da BNCC não incluir o ensino de inglês nos anos iniciais do ensino fundamental I (1º. Aos 5º. Anos)?”** a fim de analisar a posição dos sujeitos investigados, enquanto professores de língua inglesa para crianças, quanto ao fato da BNCC excluir a LI nas séries iniciais. Os 10 participantes da pesquisa lamentam essa exclusão e pontuam que essa situação deveria ser revista a fim de incluir a LI no documento. Algumas de forma mais sucinta:

Sinto que é a situação que poderia e deveria ser revista (P6).
Acho que deveria incluir (P9).
Acho uma pena (P10).

Outra resposta afirma que, nesta fase, as crianças assimilam o conhecimento com mais facilidade, assim há uma perda de benefício tanto por parte dos alunos quanto dos administradores da educação. Além disso, seria importante os órgãos responsáveis pela educação, refletir sobre essa situação:

Perdem a oportunidade de introduzir outra língua a uma faixa de idade que estão absorvendo conhecimento com mais facilidade (P2).
Não tem muito o que dizer. A BNCC vai priorizar o que é obrigatório por lei ter em um currículo escolar. É necessário que o MEC se sensibilize para entender que há uma demanda real de famílias que querem que seus filhos estudem inglês desde muito jovens (P5).

Uma respondente refere-se a falta de política pública voltada a língua inglesa:

Isso reflete a ausência de política pública para o ensino de inglês na respectiva faixa etária (P1).

Uma sétima resposta relaciona o acréscimo do fundamental I na BNCC como um custo a mais ao governo:



Professor é considerado um peso morto pelo estado e sociedade. Atribuir a bncc para o fund 1 é aumentar a folha de pagamento (o que já é baixo, principalmente no estado do Paraná), não há avaliação de políticas públicas eficientes no setor público para mostrar a importância do ensino de I2 a longo prazo (P7).

Outro participante salienta o valor de um documento como base:

Considero de suma importância a base legal pois apesar de não ser obrigatório há iniciativas da escola particular como um todo e, algumas escolas públicas trabalhando o ensino de inglês sem um documento norteador! (P4).

Na próxima pergunta, investigamos se professores concordam com a perspectiva da BNCC sobre a concepção de inglês como língua franca **“Leia o seguinte excerto extraído da BNCC: “Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos” (BNCC, p. 241) (grifo nosso). Você concorda com a perspectiva da BNCC sobre a concepção de inglês como língua franca, na qual NÃO existe um inglês correto, e sim, usos diversos da língua inglesa pelo mundo? Explique.”**. Essa questão foi respondida afirmativamente por todos os professores. Alguns de forma breve usando apenas as palavras como “sim” e “concordo”. No entanto, outros professores justificam o porquê de estar de acordo com a base.

Alguns dos respondentes que explicaram seu posicionamento de concordar

Sim. Com a globalização são muitas as possibilidades e vivências da língua inglesa (P3).

Sim! Tira-se essa visão colonialista e hegemônica e faz-se uma visão mais democrática e sensata dos falantes e proficientes em inglês (P4).

Concordo plenamente, assim como em nossa língua materna existem inúmeros dialetos quem dirá uma língua que percorre o mundo inteiro (P8).



Por fim, outras duas respostas associam o ILF à cultura:
Sim, isso deixa o professor mais livre pra trabalhar com rótulos de uma cultura ou outra (P6)
Sim, pois a cultura local é diferente (P7).

Com base na análise e discussão dos dados aqui apresentados, entendemos que a perspectiva do ILF sugere um hibridismo linguístico, uma nova forma de ver a língua, não enquanto estrutura, e sim, enquanto inserida em contextos de uso. Existe aí um rompimento com a visão estruturalista da língua, considerando questões como variedade linguística e legitimação dos usos pelos seus usuários. Além disso, ao apresentar o conceito de ILF e suas implicações pedagógicas, considera-se que é preciso rever a formação de professores, já que existe um documento oficial pautado neste viés, além de ser necessário repensar que inglês é esse que desejamos ensinar para nossos alunos, por meio desta perspectiva e o que realmente muda dentro da sala de aula.

A fundamentação teórica deste artigo sustenta os argumentos dos respondentes de nossa pesquisa (10 professores de língua inglesa para criança do total de 16, número expressivo dentro deste contexto). Nota-se que apenas um dos entrevistados tem formação em habilitação única (Letras- Inglês), fator que pode ter estimulado suas respostas no que concerne ao ILF. Metade dos respondentes (50%) têm formação em habilitação dupla (Português-Inglês), o que pode significar que não tiveram um aprofundamento no conceito de ILF. Porém, os mesmos sinalizam ter uma boa formação – a maioria tem especialização na área e alguns já estão em andamento com o Mestrado.

No que se refere ao ILF correlacionado à BNCC – trazemos à luz a perspectiva da BNCC enquanto conceito de língua advindo de processos de globalização, não-neutros, os quais carregam em si desigualdades sócio-econômica-culturais. Outro ponto que merece destaque, diz respeito aos entrevistados afirmarem que não saber inglês torna a pessoa excluída da sociedade, fator que sugere a sua conscientização sobre o papel da língua inglesa no mundo atual.

Com relação ao conceito de ILF, a maioria corrobora os preceitos abordados neste artigo, de que o mesmo faz menção a uma ferramenta de comunicação utilizada pelos mais variados povos do mundo, a qual não se interessa por uma padronização linguística e sim pelos contextos de uso nos quais atua e legitima os seus usuários. Para os participantes deste estudo, o conceito de ILF ancorado na BNCC pode sim alterar a forma como o professor leciona em sala de aula, por exemplo, trabalhar com diversas culturas e nacionalidades, rompendo com a ideia do padrão falante “nativo” da língua.

Considerações finais

Objetivamos com esta pesquisa investigar as concepções de professores de inglês para crianças de uma rede municipal de ensino no norte paranaense sobre ILF como perspectiva orientadora na BNCC.

Corroboramos com a perspectiva de Gimenez (2015), na qual o ILF amplia entendimentos sobre língua enquanto prática social em situações de comunicação multicultural. Assim sendo, faz-se necessário refletir sobre as implicações pedagógicas que este conceito nos traz, juntamente à questão das políticas linguísticas de ensino de inglês no Brasil e no mundo. Na formação de professores, por exemplo, seria interessante expor aos professores em serviço e futuros professores a noção do ILF, enquanto ferramenta de comunicação global e sensibilizá-los quanto às diversas variações linguísticas do inglês pelo mundo e a nível nacional, para que estes possam se familiarizar com a temática e possivelmente alterar sua forma de ensinar, correlacionando-a aos processos de globalização, o qual também é muito marcado pela desigualdade sócio-econômica-cultural.

Finalizamos este artigo, apontando a necessidade de mais pesquisas na área que correlacionem o conceito de ILF com a BNCC, especialmente no que tange o ensino, abordando perspectivas de outros professores espalhados pelo Brasil. Esta pesquisa abordou professores de língua inglesa para crianças, contexto de trabalho de uma das pesquisadoras, porém, nada impede que novos trabalhos sejam realizados por estudiosos da linguística aplicada com



professores de outros setores de atuação (fundamental II e ensino médio, por exemplo).

Referências

- ANDRÉ, M. E. D.A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.
- ARCHANJO, R.; BARBOSA, M. The Far Side of the Moon: English and Additional Foreign Languages in Higher Education Internationalization. IN: FINARDI, K. (Org.) English in the South. Londrina, **Eduel**: 2019. p. 75-102.
- BORDINI, M; GIMENEZ, T. Estudos sobre inglês como língua franca no Brasil (2005-2012): uma metassíntese qualitativa. **SIGNUM**, n.17, p.10-43, 2014.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (2018). Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica/apresentacao>> Acesso em 27/12/2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf> Acesso em 27/12/2021.
- DUBOC, A. P.; SIQUEIRA, S. Elf feito no Brasil: expanding theoretical notions, reframing educational policies. **Statusquestionis**, v. 19, p. 297-331, 2020.
- GIMENEZ, T. Renomeando o inglês e formando professores de uma língua global. **Estudos linguísticos e literários**, n. 52, p. 73-93, 2015.
- HAUS, C. Crenças de Professores Brasileiros de EMI sobre Pronúncia. (2018) **Revista X**, Curitiba, v. 13, n. 2, , p.123-143. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/59667/36091>> Acesso em 14/08/2021.
- INTERNACIONAL. *In* Priberam Dicionário.. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/internacional>> Acesso em 26/01/22.
- JENKINS, J. Repositioning English and multilingualism in English as a Lingua Franca. **Englishes in Practice**, v. 2, n. 3, p. 49-85, 2015.
- JORDÃO, C. M. ILA-ILF-ILE-ILG: quem dá conta? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.14, n.1, p. 13-40, 2014.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. In: FERRAZ, D. M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. **Bate-papo com educadores linguísticos letramentos, formação docente e criticidade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 245-258.
- OBSERVATÓRIO PARA O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA. Professoras e Professores de Inglês no Brasil: Retratos de uma Profissão a partir do Censo



Escolar e do Censo da Educação Superior. São Paulo: British Council, 2021. Disponível em: www.inglesnascolas.org. Acesso em 19 jan.2022.

OLIVEIRA, F. B; MOSER, S. C. S. O programa de Residência Pedagógica: relato de experiência no ensino de língua inglesa em um colégio público Paranaense. **Kiri-kerê**, n.5, Vol. 2, dez. 2020, p. 243- 259.

SEIDLHOFER, B. English as a lingua franca. **ELT Journal**, v.59, n.4, 2004.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

252

Sobre os Autores

Flávia Bissi de Oliveira

flaviabissi@hotmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM) a nível de mestrado. Suas investigações se concentram na área de ensino-aprendizagem de línguas. Possui graduação em Letras Português/Inglês e Literaturas correspondentes pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). É professora de língua inglesa no ensino básico - fundamental I - em uma instituição privada.

Marcella Bordini

bordini.marcella@gmail.com

Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Possui Graduação em Letras - Inglês e Habilitação Opcional em Língua e Cultura Francesas pela Universidade Estadual de Londrina. Mestra em Estudos da Linguagem pela mesma Universidade. Bacharel em Letras - Habilitação em Língua e Cultura Francesas pela UEL. É graduada em Letras Português-Inglês pelo Centro Universitário de Araras "Dr. Edmundo Ulson" (Araras, SP) e Pedagogia pela mesma universidade. Suas investigações se concentram no ensino-aprendizagem de línguas. Atua no ensino básico - fundamental I, em escolas municipais de Ibiporã/PR, no cargo de professora de língua inglesa.

